REVISTA

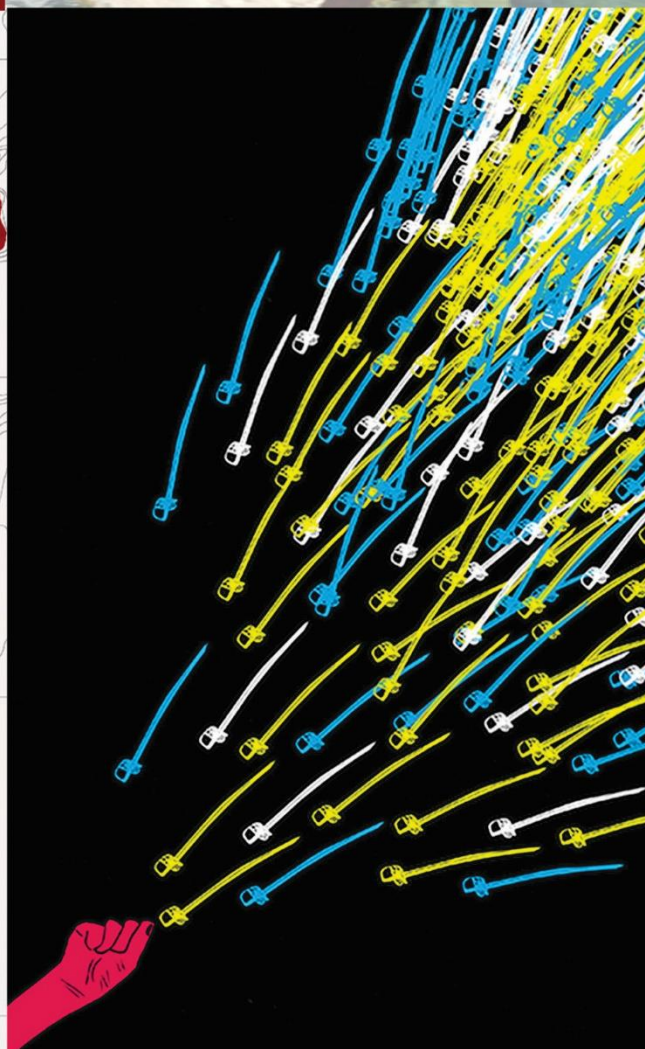
CULTURA, ESTÉTICA & LINGUAGENS

VOL. 05, Nº 2 - 3º TRIMESTRE - 2020

ISSN 2448-1793

NÓS

Dossiê
20 anos
Curso de Arquitetura e Urbanismo
da Universidade Estadual de Goiás



ISSN 2448-1793
REVISTA
Cultura, Estética & Linguagens

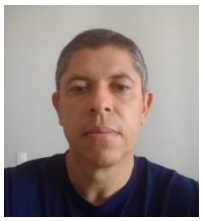
AVENTURAS PEDAGÓGICAS NO CURSO DE ARQUITETURA DA UEG: ENTRE ENCONTROS E DESCOBERTAS

PEDAGOGICAL ADVENTURES IN THE COURSE OF ARCHITECTURE AT UEG: BETWEEN ENCOUNTERS AND DISCOVERIES

https://doi.org/10.5281/zenodo. 4666545

Envio: 28/08/2020 ◆ Aceite: 23/09/2020

Marcelo de Mello



Doutor em Geografia pela Universidade Federal de Goiás; mestre e licenciado em Geografia pela mesma Universidade; Professor do curso de Geografia e do Mestrado em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado, da Universidade

RESUMO

O presente artigo relata a experiência de um geógrafo no curso de Arquitetura da Universidade Estadual de Goiás. É importante registrar que não se trata de uma experiência extensa, quando se considera um entendimento de tempo linear e superficial. Na realidade, foram dois semestres marcados por relativa profundidade, no que diz respeito à busca de entendimentos relacionados aos sentidos e aos nexos presentes no processo de produção e reprodução da cidade. Por meio de encontros centrados na disciplina Planejamento urbano e Regional, diálogos foram estabelecidos e um encontro da Arquitetura com a Geografia repercutiu de maneira interessante. No momento em que o curso de Arquitetura comemora vinte anos de uma existência robusta, sinto-me feliz por ter, mesmo que sutilmente, participado de sua história.

PALAVRAS CHAVES: Arquitetura, Geografia, Cidade, Planejamento, Espaço.

ISSN 2448-1793
REVISTA
Cultura, Estética & Linguagens

ABSTRACT

The present article reports the experience of a geographer in the course of Architecture of the State University of Goiás. It is important to note that this is not an extensive experience when considering a linear and superficial understanding of time. In fact, it was two semesters marked by relative depth, with regard to the search for understandings related to the senses and the nexuses present in the production and reproduction process of the city. Through meetings centered on the discipline Urban and Regional Planning, dialogues were established and a meeting of Architecture with Geography echoed in an interesting way. At the moment when the course of Architecture celebrates twenty years of a robust existence, I am happy to have participated, even if subtly, in its history.

KEYWORDS: Architecture, Geography, City, Planning, Space.

INTRODUÇÃO

Os caminhos percorridos pelos que buscam entender o intrincado processo de produção e reprodução do espaço urbano são marcados pela exigência de diálogos entre distintas áreas do conhecimento. Certamente, no exercício deste diálogo o espaço é um dos conceitos que se faz presente de forma destacada. É importante ressaltar que diversos profissionais e distintas áreas do conhecimento percorrem caminhos formativos que situam o espaço no centro gravitacional de suas preocupações teóricas e práticas.

No rol das ciências que privilegiam o espaço, temos a Arquitetura e Urbanismo e a Geografia. E foi esta característica em comum que me levou a ministrar a disciplina Planejamento Urbano e Regional no curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual de Goiás. Curso que celebra, em 2020, vinte anos de uma profícua existência.

Entrar no mundo da Arquitetura, a partir da oferta de uma disciplina da esfera do planejamento, foi uma experiência profundamente interessante. Isto porque qualquer reflexão que vislumbre o entendimento das relações travadas entre o homem e o espaço, em um mundo urbano mutante, solicita imersões em questões políticas, econômicas e culturais.

É importante destacar que estas mutações urbanas são marcadas, invariavelmente, pela produção de objetos espaciais socialmente produzidos. Neste

ISSN 2448-1793
REVISTA Cultura, Estética & Linguagens

contexto, objetos erguidos sob a forma de próteses espaciais, repletos de sentidos e significados, dão forma à obra de arte mais complexa produzida pela humanidade: a cidade. Para Lefebvre (2001), a cidade é uma obra de arte heterogênea socialmente produzida.

Com o intuito de entender as transformações destacadas pelo pensador francês, recorremos a Maricato. Para ela:

> [...] a globalização também está produzindo um novo homem e uma nova sociedade por meio de transformações nos Estados, nos mercados, nos processos de trabalho, na estética, nos produtos, nos hábitos, nos valores, na cultura, na subjetividade individual e social, na ocupação do território, na produção do ambiente construído e na relação com a natureza (MARICATO, 2015, p.69).

A arquiteta e urbanista segue destacando a necessidade de evidenciar a dinâmica urbana em perspectivas abrangentes:

> A cidade pode ser objeto de diversas abordagens: pode ser lida como um discurso (como querem os semiólogos e semióticos); pode ser abordada pela estética – ambiente de alienação e dominação por meio da arquitetura e urbanismo do espetáculo; como manifestação de práticas culturais e artísticas mercadológicas ou rebeldes; como legado histórico; como palco de conflitos sociais; como espaço de reprodução do capital e da força de trabalho, entre outras (MARICATO, 2015, p. 19).

Nesta perspectiva, ministrar a disciplina Planejamento Urbano e Regional, em um curso de Arquitetura e Urbanismo, exige um significativo esforço para que se alcance um entendimento racional relativo à produção da complexa obra de arte, que é a cidade, sem deixar de considerar as profundas questões estéticas inerentes às próteses espaciais socialmente produzidas: próteses espaciais que, progressivamente, passaram a ser produzidas em tempos mais reduzidos e escalas mais ampliadas.

Certamente, assumir uma reponsabilidade pedagógica com esta natureza, em um curso como o de Arquitetura e Urbanismo, é uma tarefa desafiadora. E o desafio adquire uma amplitude maior quando consideramos outra relação significativa, que é a estabelecida entre a Arquitetura e as artes. Isto porque a proximidade com as artes aumenta as possibilidades de compreensão dos processos que produzem e reproduzem

ISSN 2448-1793
REVISTA
Cultura, Estética & Linguagens

as cidades. O olhar de um arquiteto e urbanista deve examinar a dimensão concreta do mundo sem desprezar os registros estéticos presentes nas cidades. Este fato torna a tarefa de quem planeja as cidades, em suas mais diversas escalas, extremamente desafiadora.

Neste contexto, uma reflexão pode ser destacada: se uma atividade profissional pode ser considerada desafiadora, imagine o processo de formação de um profissional desafiado por um mundo cada vez mais complexo? Os tópicos que seguem registram as tentativas de um geógrafo que, por um breve período, tentou contribuir com processos formativos oferecidos pelo curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual de Goiás.

O DESAFIO ASSUMIDO E OS ENCONTROS EXPERIMENTADOS

Os desafios experimentados por quem busca contribuir com a formação de alunos matriculados em curso de nível superior, a partir da oferta de uma disciplina, são vivenciados desde o momento inicial: o processo de planejamento da disciplina, que, por sua vez, deve ser pautado nas diretrizes contidas na Matriz Curricular do curso. Neste ponto, recordo-me da surpresa que experimentei quando me deparei com a vasta lista de disciplinas presentes na Matriz Curricular do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual de Goiás. Ao analisar as ementas das disciplinas, com o intuito de encontrar trilhas integradoras, percebi o nível de abrangência presente na formação dos alunos. Certamente, uma grande abrangência na formação amplia o nível de exigência estabelecido.

Comecei a pensar nas possibilidades presentes na formação oferecida pelo curso. Algumas reflexões indicaram trilhas que me levaram a Maricato (2015). Ela adverte que a cidade pode ser pensada pela via da estética, em suas infinitas nuances; bem como pelas evidencias que denunciam as contradições produzidas pelo modo de produção capitalista. Na realidade, são inúmeras as possibilidades existentes em processos formativos que têm a cidade como elemento central.

ISSN 2448-1793
REVISTA
Cultura, Estética & Linguagens

Para bem me situar diante de tantos caminhos oferecidos pelo curso de Arquitetura da UEG, recorri a Milena[9]: uma amiga arquiteta e urbanista, professora do curso em questão, que nos últimos anos tem me ensinado muito, por meio de conversas informais e eventos dedicados ao entendimento de questões relacionadas à compreensão dos processos urbanos, em suas nuances científicas e artísticas. No curso de nossos diálogos amistosos e densos, não sou capaz de mensurar quantas coisas aprendi!

Depois da fase de planejamento inicial, o esperado encontro com a turma: um encontro mediado por questionamentos formulados previamente. Depois de ouvir e falar, uma impressão inicial foi confirmada: era fundamental iniciar a disciplina evidenciando as contradições produtoras das assimetrias espacialmente expressas pela cidade, sem deixar de ressaltar as dimensões polissêmicas contidas nos intricados processos de reprodução do capital. Nesta perspectiva, os alunos se interessaram muito por Lefebvre, que ensina:

> A cidade sempre teve relações com a sociedade no seu conjunto, com sua composição e seu funcionamento, com seus elementos constituintes (campo e agricultura, poder ofensivo e defensivo, poderes políticos, Estados etc.), com sua história. Portanto, ela muda quando muda a sociedade no seu conjunto. Entretanto, as transformações da cidade não são os resultados passivos da globalidade social, de suas modificações. A cidade depende também e não menos essencialmente das relações de imediatice, das relações diretas entre as pessoas e grupos que compõe a sociedade (famílias, corpos organizados, profissões e corporações, etc.), ela não se reduz mais a organização dessas relações imediatas e diretas, nem suas metamorfoses se reduzem as mudanças nessas relações. Ela se situa num meio termo, a meio caminho entre aquilo que se chama de *ordem próxima* (relações dos indivíduos em grupos mais ou menos amplos, mais ou menos organizados e estruturados, relações desses grupos entre eles) e a *ordem distante*, a ordem da sociedade, regida por grandes e poderosas instituições (Igreja, Estado), por um código jurídico formalizado ou não, por uma "cultura" e por conjuntos significantes (LEFEBVRE, 2001, p. 51),

[9] Milena D'Ayala Valva: graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Católica de Goiás (1995), mestrado em Arquitetura pela Universidade Federal de Minas Gerais (2001) e doutorado em Projeto, Espaço e Cultura pela Universidade de São Paulo (2011) com estágio no IUAV-Veneza (2008-2009). Professora e pesquisadora da Universidade Estadual de Goiás no curso de Arquitetura e Urbanismo e no Mestrado Interdisciplinar em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado (TECCER).

ISSN 2448-1793
REVISTA Cultura, Estética & Linguagens

As aulas eram mediadas por leituras clássicas, contemporâneas e notas técnicas. Por vezes, os debates eram densos e cheios de vida. Em alguns momentos, percebia certo cansaço nos alunos. O amplo espectro característico da Matriz Curricular demandava uma infinidade de tarefas a serem realizadas. No final do semestre eram nítidas as expressões de cansaço. Todavia, a vida se fazia presente nos olhos que denunciavam a falta de sono devido às noites viradas. Isto aumentava minha vontade de fazer um bom trabalho, pois, apesar do cansaço, a maioria sentia que o esforço fazia sentido!

Eles gostavam de abordar, por exemplo, a questão do espaço urbano como produto da ação de distintos agentes. Pensavam na associação estabelecida entre os distintos interesses dos agentes produtores do espaço urbano, considerando os processos que afetam, assimetricamente, o cotidiano de quem habita a cidade. Nesta perspectiva, uma relação passou a interessar muito os alunos: a proximidade entre os processos segregadores e as dimensões estéticas contidas na realidade urbana.

Assim, no curso do movimento pensado para inserir o Planejamento Urbano e Regional na agenda apertada dos alunos, a dimensão simbólica das relações sempre chamou a atenção. Não me esqueço de algumas anotações registradas em um caderno no final das aulas. Depois dos debates, eles concluíram: não há simplesmente novos padrões de próteses espacializadas no mundo urbano; mas novas formas de agir neste mundo! Um novo padrão espacial pode ser estabelecido, também, sem que se haja uma mudança nas coisas! A questão não é apenas morfológica: um novo padrão espacial pode emergir sem que os objetos mudem de forma ou de lugar! Gostei muito destes encontros pedagógicos!

POR QUE O ÓBVIO NÃO É PERCEBIDO?

Esta pergunta foi feita por um aluno no começo de uma aula: por que o obvio não é percebido? A indagação foi produto da leitura de parte de um livro de Lefebvre. Na obra, o autor destaca que:

ISSN 2448-1793
REVISTA
Cultura, Estética & Linguagens

> Durante longos séculos, a Terra foi o grande laboratório do homem; só há pouco tempo é que a cidade assumiu esse papel. O fenômeno urbano manifesta hoje sua enormidade, desconcertante para a reflexão teórica, para a ação prática e mesmo para a imaginação. Sentido e finalidade da industrialização, a sociedade urbana se forma enquanto se procura. Obriga a reconsiderar a filosofia, a arte e a ciência (LEFEBVRE, 2001, p.06).

Depois de ouvir a pergunta formulada, houve uma mudança de curso da aula. Aflorou na turma um desejo de entender mais profundamente os sentidos dos objetos produzidos pelos homens. Eles indagaram: como identificar os sentidos presentes nas formas e nos conteúdos dos objetos socialmente produzidos?

Outras questões surgiram: como espaços urbanos são afetados pela produção ininterrupta de objetos fincados em seu território? Sempre existe algo escondido por trás das formas dos objetos espacializados? Estas perguntas foram sistematizadas e anotadas. Algumas vezes as visito para pensar no processo pedagógico que as produziu!

Na sequência dos encontros, mais conclusões/questionamentos foram anotados: o mundo urbano é caracterizado por densas transformações que impactam profundamente a vida! Será que alguma forma ou modelo de planejamento pode controlar as transformações?

Recordo-me que eles adoraram uma reflexão de Lefebvre (1991, p.77). A reflexão trata das transformações vertiginosas processadas nas cidades. O autor evidencia que as alterações promovem não uma desordem absoluta, mas a produção de hábitos que produziram a “sociedade burocrática do consumo dirigido”.

Na continuidade do debate, inserimos um livro de Harvey (2004) que aborda a questão do empobrecimento da vida e da arte. Os alunos prontamente relacionaram o empobrecimento, ressaltado por Harvey (2004), com a sociedade aprisionada pela burocracia do consumo dirigido, destacada por Lefebvre (1991). Depois destas conclusões, passamos a destacar a questão do habitar.

ISSN 2448-1793
REVISTA Cultura, Estética & Linguagens

HABITAR UM MUNDO PROGRAMADO

Quando o mundo burocratizado e o mundo empobrecido, em seu potencial artístico, foram percebidos como um único mundo, a questão do habitar surgiu de maneira forte. Um questionamento foi oferecido para a reflexão coletiva: é possível desejar habitar um lugar sem se vincular à burocracia pensada como elemento de programação social? Bons diálogos emergiram na busca de respostas para esta questão!

Partimos para a análise da assimetria presente na cidade, em suas diferentes expressões! Questionamos: existe alguma relação entre os lugares privilegiados pela grande oferta de serviços e equipamentos públicos e os lugares marcados pela profunda ausência dos mesmos serviços e equipamentos? Como o Estado participa na produção destas diferentes realidades?

As discussões em torno da questão evidenciaram a relação travada entre o processo segregador e a questão do habitar. Buscamos em Villaça (2001, p.141) referências importantes para o bom entendimento desta relação. Segundo ele, a segregação espacial dos bairros cria “sítios sociais muito particulares”, não como obra de uma acaso; mas como elementos de ações articuladas.

A partir daí, um caminho foi pavimentado para ressaltar que ações com esta natureza são articuladas com vistas à produção de um entendimento uniforme, de um pensamento único, que interessa aos agentes situados de maneira privilegiada nas relações assimétricas que definem a realidade urbana. Neste contexto, foi enfatizada a necessidade de perceber a cidade como realidade heterogênea, em distintas perspectivas: em suas formas e em seus conteúdos. Por fim, foram apresentados os riscos contidos na ideia de cidade do pensamento único (ARANTES; VAINER; MARICATO, 2000). Mas, como aprofundar um pouco mais nestas questões, contemplando as demandas de arquitetos e urbanistas em formação? Para encontrar um caminho seguro mais uma vez recorri a Milena.

ISSN 2448-1793
REVISTA Cultura, Estética & Linguagens

UM FILÓSOFO IMPORTANTE PARA A ARQUITETURA E A GEOGRAFIA

Conversando com Milena, sobre questões do curso de Arquitetura e do Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Território e Expressões Culturais no Cerrado, descobri que o sistema de ideias elaborado por Merleau-Ponty (1989), filósofo francês ligado à fenomenologia, estabelece elos entre Arquitetura e Geografia. Isto porque o pensador buscou pavimentar caminhos para a restituição do mundo da percepção através de experiências que evidenciam as relações travadas entre o corpo e o espaço.

A leitura de Merleau-Ponty[10] (1989) possibilita um posicionamento centrado na percepção e na experiência, se contrapondo a tendência apresentada pela sociedade, que se distancia cada vez mais do mundo real e se aproxima de mundos virtualizados. Uma tese foi apresentada aos alunos a partir do pensamento do filósofo francês: os conceitos produzidos estão, progressivamente, dialogando menos com a dimensão concreta do mundo!

Seguindo este raciocino, ressaltamos que é necessário habitar o mundo a partir de experiências com e no mundo e não por meio de contemplações distantes das realidades analisadas. Destacamos a defesa feita por Merleau-Ponty (1989), que nos situou como parte do mundo e não como elementos produzidos fora dele. Portanto, se existem sujeitos diferentes, produzidos a partir de experiências diferentes, não pode haver uma cidade do pensamento único (ARANTES; VAINER; MARICATO, 2000).

A cidade, com todas as suas assimetrias, não pode produzir sujeitos universais homogeneizados. Neste sentido, tanto a Arquitetura quanto a Geografia se aproximam muito, pois trazem consigo possibilidades de evidenciar as particularidades soterradas nos entulhos depositados por discursos e práticas ditadas por sujeitos que desejam que todos olhem para as mesmas coisas e cheguem às mesmas conclusões!

Interessou-nos, desta forma, entender como se dá à experiência de diferentes segmentos da sociedade no espaço urbano, considerando a especificidade de cada um. Para auxiliar no processo de compreensão das particularidades, recorremos, mais uma

[10] É importante registrar que apresentamos o sistema de ideias do filosofo em questão, mas não houve condições para leitura detalhada de sua produção.

ISSN 2448-1793
REVISTA
Cultura, Estética & Linguagens

vez, a Harvey (2004). Ele destaca que o corpo não é um simples conjunto de órgãos. O corpo de quem se alimenta e de quem não se alimenta não percebe o mundo da maneira idêntica. Na mesma medida, o corpo de quem transita confortavelmente, por alguns minutos, em um veículo com o objetivo de chegar ao trabalho, não tem uma experiência semelhante quando comparado com o corpo de quem disputa centímetros em ônibus lotados, por três horas, para também chegar ao trabalho. Da mesma forma, uma coisa é ser homem e disputar os centímetros nos ônibus, outra coisa é ser mulher e passar pela mesma experiência.

Depois do debate, eles perguntaram: como o planejamento pode não considerar este fato? No decorrer dos encontros outras perguntas surgiram. Mas uma, com certeza, deve ser destacada: a cidade pode ser entendida sem considerar as diferentes experiências que lhe dão vida? No fim das contas, alguns alunos concluíram que as indagações produzidas eram muito mais importantes do que respostas específicas. Isto foi bom! Eles perceberem que o planejamento exige um diálogo com a dimensão concreta do mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os percursos trilhados, as abordagens definidas e os argumentos elaborados, no decorrer dos semestres em que ministramos a disciplina, têm como uma de suas marcas relevantes o registro de encontros e desencontros de produtivos.

Os cenários analisados e a participação dos alunos tornaram as aulas experiências agradáveis e enriquecedoras. Não que todas as aulas possam ser classificadas como boas ou muito boas. Mas porque um projeto foi apresentado, aceito e desenvolvido, com os acertos e erros próprios de ações e práticas pedagógicas.

O mais interessante, é que um mundo marcado pelo empobrecimento da vida e da arte foi percebido. E a cidade foi assumida como um produto capaz promover a superação de modelos que bloqueiam possibilidades. Neste contexto, áreas do conhecimento com a Arquitetura e o Urbanismo e a Geografia, entre outras, devem preparar profissionais capazes de romper com a lógica do pensamento fundado em

ISSN 2448-1793
REVISTA
Cultura, Estética & Linguagens

conceitos que não dialogam com a dimensão concreta do mundo.

O espaço produzido pelo homem não pode ser analisado, exclusivamente, a partir de considerações que tratam do exercício de poderes hegemônicos. Estas perspectivas exigem resistências. E, certamente, a Universidade deve ser um lugar privilegiado para resistir.

Podemos recorrer a Soja (1993), que pavimentou um caminho em direção à reafirmação do espaço na teoria social crítica. As teorias sociais críticas, em contextos formativos, viabilizam o entendimento dos processos produtores do mundo plural e heterogêneo.

É por esta razão que posso falar com tranquilidade que a experiência de ministrar a disciplina, Planejamento Urbano e Regional, no Curso de Arquitetura da Universidade Estadual de Goiás, foi muito interessante. A partir da experiência, redefini as maneiras de abordar a temática característica de uma disciplina que oferece condições para o estabelecimento de um bom diálogo com o mundo.

Na realidade, fiz questão de submeter este ensaio, porque senti necessidade de compartilhar os benefícios experimentados ao ministrar a disciplina Planejamento Urbano e Regional no curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual de Goiás. O desejo de auxiliar na promoção de um aprendizado pautado na necessidade de saber dosar as dimensões da razão, com as expressões urbanas que evidenciam o poder da dimensão simbólica, rendeu bons frutos. Não quero dizer que a experiência aqui registrada é fantástica ou fabulosa. Penso, simplesmente, que foi interessante e que revela nuances que podem contribuir, mesmo que minimamente.

ISSN 2448-1793
REVISTA
Cultura, Estética & Linguagens

REFERÊNCIAS

ARANTES, O; VAINER, C; MARICATO, E. ***A cidade do pensamento único***: desmanchando consensos. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

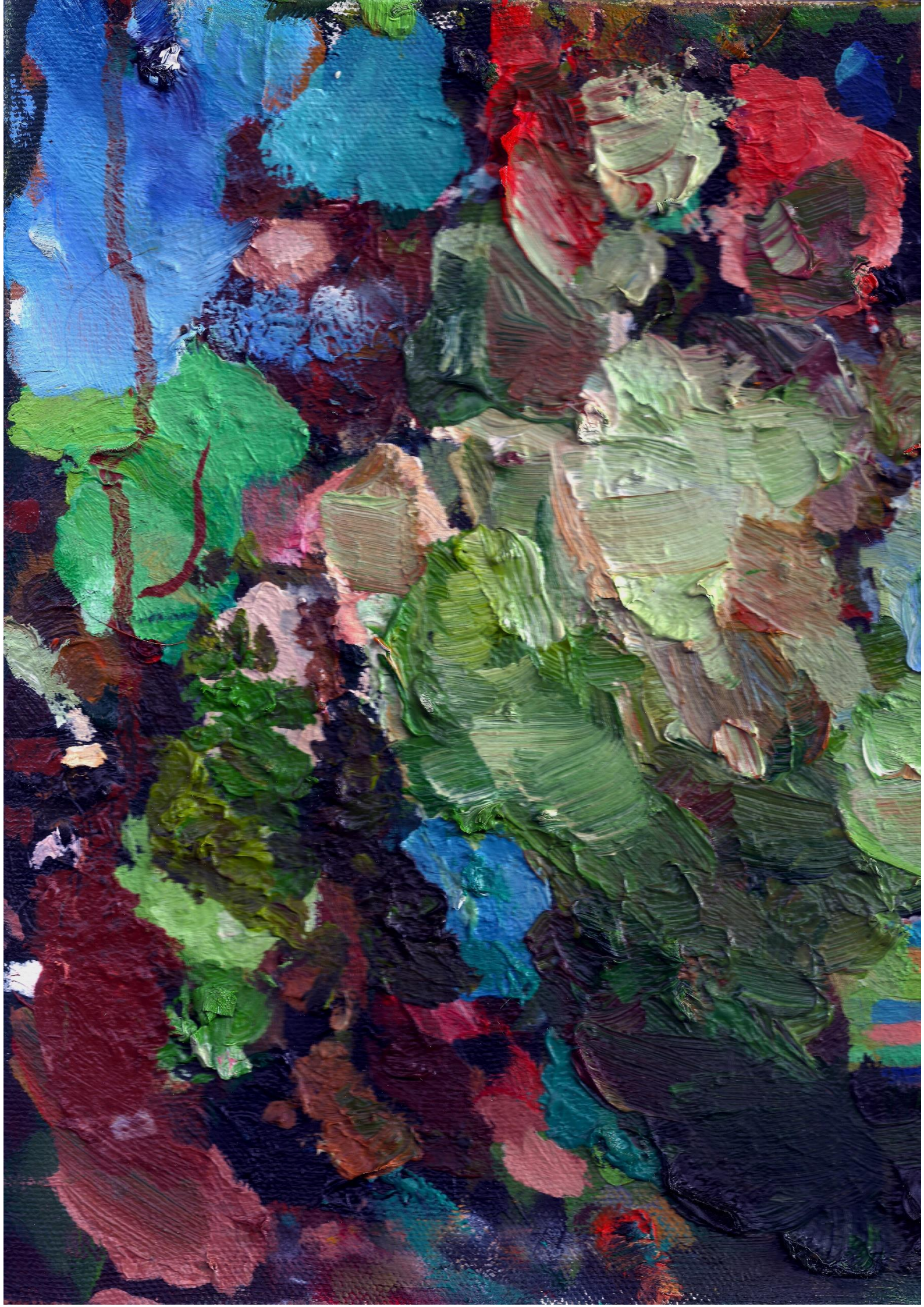
HARVEY, D. ***Espaços de Esperança***. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

LEFEBVRE, H. ***A Vida cotidiana no mundo moderno***. São Paulo: Ática, 1991.

LEFEBVRE, H. ***O Direito à Cidade***. São Paulo: Editora Moraes, 2001.

MARICATO, E. ***Para entender a crise urbana***. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

MERLEAU-PONTY, M. ***Textos selecionados*** (Os pensadores). São Paulo: Nova Cultural, 1989.

OJA, E. ***Geografias pós-modernas:*** **a reafirmação do espaço na teoria social crítica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

VILLAÇA, F. ***Espaço Intra-urbano no Brasil***. São Paulo: Studio Nobel, 2001.